
Editorial

Ourinhos: 100 anos em imagens

In memoriam

Nossos sinceros sentimentos à família e amigos de José Carlos Neves Lopes, autor do artigo “Francisco de Almeida Lopes e o mundo da fotografia em Ourinhos” e Felipe Chamorro (ex-secretário da Cultura), que infelizmente faleceram em decorrência da covid-19 em 2021.

As cidades se reconhecem pelo andar, como as pessoas.

Robert Musil

Este número especial apresenta um dossiê em homenagem aos 100 anos de Ourinhos, completados em dezembro de 2018, retratando a história da cidade, suas memórias, histórias, espacialidades e lugares. Inicialmente a ideia era produzir um livro, que seria lançado em comemoração ao centenário da cidade, mas isso acabou não dando certo e, como o material produzido é de grande qualidade, o convite das editoras da revista *Geografia e Pesquisa*, professora doutora Luciene Cristina Rizzo e Fabiana Lopes da Cunha, viabilizou a publicação desse material extremamente relevante para quem quer conhecer um pouco mais sobre a cidade de Ourinhos.

Ourinhos registrou seus 100 anos de história oficialmente em 13 de dezembro de 2018. Seu centenário é a efeméride de uma cidade que, comprometida com o bem-estar de sua população e com o êxito de sua economia, segue resoluta e preserva, em sua essência, o suor do trabalho e o amor visceral de milhares de pessoas, homens e mulheres, cidadãos e cidadãs, que fizeram e dedicaram, cada um em seu tempo, cada um de seu modo, o melhor de si por sua terra natal.

Ourinhos é fruto da intrepidez de um povo criativo e empreendedor, povo valente, que não teme dizer seu nome nem ao que veio, que não foge à labuta e não se esquiva dos desafios que acompanham seu projeto de desenvolvimento e permanência nos “trilhos do progresso”. Ourinhos é locus promitente de vida e prosperidade. É terra de esperanças. Lugar de sonhos.

O percurso existencial de Ourinhos, à semelhança de algumas cidades vizinhas, vincula-se ao fenômeno da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), ao tempo dos ciclos do café e do algodão e ao período do fluxo de imigração pela região. De 1908, ano em que se inaugurou a primeira estação da EFS no perímetro da fazenda de Jacinto Ferreira de Sá, em cujo âmbito a cidade se constituía, até a década de 1940, Ourinhos viveu uma “primeira fase” histórica, rural, com economia e vida firmados no cultivo do café, na ferrovia, na atividade dos imigrantes – mineiros, japoneses, italianos, espanhóis, etc. –, no fazer ceramista da comunidade de olarias da Vila Odilon, no comércio de subsistência, nos armazéns de ferragem e na agricultura familiar.

O Decreto nº 1.484, de 13 de dezembro de 1915, que designava Ourinhos como distrito da comarca de Salto Grande do Paranapanema, foi substituído pela Lei nº 618, de 13 de dezembro de 1918, assinada pelo então governador Altino Arantes, elevando-a à categoria de município. A sequência de aniversários da cidade é contada, portanto, a partir desse ato.

Dos anos 1950 em diante, Ourinhos passaria por uma “segunda fase”. O ciclo do café seria substituído pelo cultivo da cana-de-açúcar e a atividade ferroviária entraria em decadência, dando lugar ao transporte rodoviário. Apareceriam as primeiras fábricas, estimuladas pelo fluxo de industrialização no estado, dando à cidade aspectos mais modernos. *Pari passu*, comércios, escolas, bancos, empresas de comunicação, transporte e lojas automotivas surgiriam. O negócio imobiliário e os loteamentos configuravam um novo espaço urbano, originando novos bairros. Nos extremos da cidade, entre as décadas de 1980 e 2010, em áreas demarcadas pela Prefeitura, instalaram-se três distritos industriais, compondo o cenário econômico local, constituído praticamente por quatro eixos: comércio, agronegócio (sucroalcooleiro), serviços e indústria.

Em seus 100 anos de história, Ourinhos foi marcada por inúmeros fenômenos – estéticos, econômicos, políticos, arquitetônicos, demográficos,

ambientais etc. –, que hoje representam sua singularidade e constituem sua identidade, sua paisagem urbana e seu patrimônio cultural. A preocupação do poder público com a constituição de um sentimento de pertencimento histórico no imaginário da população e com a preservação da memória do município tem início na década de 1960, no âmbito da citada segunda fase. Com as tendências urbanísticas e modernizadoras da vida política naquela época, via-se a hora de promover, por meio de legislações específicas, a invenção dos primeiros símbolos oficiais ao povo ourinhense. Assim, brasão (Lei nº 679, de 21 de maio de 1965), bandeira (Lei nº 761, de 4 de julho de 1966) e hino (Lei nº 749, de 12 de maio de 1966, e Lei nº 3.185, de 5 de setembro de 1990), simbolicamente fundidos, figuraram como as primeiras representações de uma identidade municipal oficial.

Na década de 1990, em parceria com a Ferrovia Paulista S/A (Fepasa) e o governo do estado, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico (IPH) e do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), a prefeitura intensificaria, de forma mais efetiva, as políticas públicas de preservação da memória e do patrimônio cultural da cidade. Com os trabalhos de revitalização do centro histórico, no perímetro da antiga estação ferroviária, viria a surgir o Centro de Convivência Jornalista Benedicto da Silva Eloy (Lei nº 3.920, de 18 de março de 1996), composto por um conjunto de imóveis da antiga ferrovia.

O Centro de Convivência, nos termos da lei de sua criação, teria por objetivo “iniciar um processo informal de conscientização da comunidade sobre a importância da preservação da memória e dos bens arquitetônicos e culturais” e, assim, “preservar a região das imediações da Estação Ferroviária, em função de sua importância histórica enquanto marco inicial do povoamento de Ourinhos”. Além das seis “casinhas ferroviárias”, o conjunto é formado pelos prédios que hoje abrigam o Museu Histórico e Pedagógico, o Núcleo de Arte Popular e o Lanchódromo Municipal. O Museu, vale afirmar, é um caso especial, pois representa um dos principais “lugares de memória oficial” da cidade. Remanescente do antigo Museu Histórico e Pedagógico Antônio Carlos de Abreu Sodré – criado pelo Decreto nº 52.034, de 12 de junho de 1969, durante o governo estadual de Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971) –, que funcionou até o final dos

anos 1980, o atual Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos (MHPO) foi refundado em 1993 e, dois anos depois, oficializado como “projeto de memória” pelo Decreto nº 4.204, de 8 de fevereiro de 1995, e pela Lei nº 3.845, de 9 de junho de 1995.

Em 2006/2007, a Universidade Estadual Paulista (Unesp) iniciou um trabalho no Museu Histórico de Ourinhos. Apesar de mais 200 projetos concorrerem ao edital de políticas públicas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)/Vitae, o projeto intitulado “Nos trilhos da memória e a memória dos trilhos: expansão e revitalização do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos”, coordenado pelas professoras doutoras Fabiana Lopes da Cunha e Maria Inez Machado Borges Pinto (Universidade de São Paulo – USP), foi aprovado e deu início à revitalização e à organização do acervo do MHPO e um estudo sobre o Centro de Convivência Jornalista Benedicto da Silva Eloy.

Em 2010, usando uma das “casinhas ferroviárias” do Centro de Convivência Jornalista Benedicto da Silva Eloy, a prefeitura criaria, também, um dos mais relevantes instrumentos de preservação da memória presentes na cidade, chamado Casinha da Memória, que lançaria, no ano seguinte, em 2011, o projeto “Arquivo de Lembranças”, constituído por relatos de vida de moradores locais e depoimentos de trabalhadores da cidade, especialmente ligados à memória ferroviária. Hoje, a Casinha da Memória administra um acervo considerável de documentos antigos (revistas, jornais, fotografias, registros audiovisuais, microfilmagens etc.), disponível à consulta pública e à visitação por escolas, estudantes e pesquisadores da memória local.

Em 2014, nascia também o projeto “Ourinhos: memória em movimento”, iniciativa conjunta entre a Associação dos Amigos da Biblioteca Pública (Aabip) e a prefeitura municipal, em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), órgão ligado ao Ministério da Cultura (MinC). A proposta trazia a público reproduções de importantes jornais que circularam em Ourinhos e região durante o século XX, dentre eles *Correio do Sertão*, *O Contemporâneo*, *A Voz do Povo*, *O Progresso*, *Diário da Sorocabana*, *Debate*; filmes produzidos no âmbito do projeto “Arquivo de Lembranças [da ‘Casinha da Memória’]”, com depoimentos de ex-trabalhadores da ferrovia; bem como acervo de fotografias de Francisco de Almeida

Lopes – e seu filho, José Carlos Neves Lopes –, que documentam antigas paisagens e personalidades do município. O “Memória e Movimento” fez parte de um escopo de projetos financiados pela prefeitura, todos voltados à difusão da memória local, dentre eles a publicação de livros produzidos por memorialistas, escritores, pesquisadores e historiadores da cidade.

Este “inventário” de iniciativas do poder público municipal, com legislações e políticas de salvaguarda, feito aqui de maneira breve e resumida, nos mostra como a temática da memória e do patrimônio histórico tornou-se crucial na pauta de gestão cultural na cidade. Contudo, nesse ínterim, cabe ainda destacar alguns fenômenos, talvez os mais relevantes dentro da prática formal de salvaguarda, que indicam o avanço da prefeitura na defesa do patrimônio cultural.

Em 2003, concretizando o que já se havia almejado com promulgação da lei de criação do Centro de Convivência Cultural Jornalista Benedicto da Silva Eloy, criou-se a Comissão Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico (CMPPH), por meio da Lei nº 4.813, de 8 de dezembro de 2003. Esse órgão, composto por membros da administração pública e entidades da sociedade civil, passava a representar, pela primeira vez na história de Ourinhos, o principal instrumento de tombamento e de chancela oficial de cultura, tendo como “dever” a preservação da memória social, dos bens culturais e do patrimônio ambiental e paisagístico no município.

A missão da CMPPH deveria ser, teórica e praticamente, semelhante à do Condephaat paulista. Em 2010, por meio do Processo nº 64201/2010, o Condephaat tombou uma vasta área do centro histórico de Ourinhos, abrangendo o complexo ferroviário e a antiga estação, incluindo as casinhas do Centro de Convivência e os prédios do Museu e do Núcleo de Arte Popular. O processo, ainda em tramitação no conselho, sinalizou um entendimento favorável ao tombamento e um reconhecimento, por parte do Governo do Estado, da importância histórica desses bens ferroviários. A decisão pró-tombamento foi publicada no *Diário Oficial do Estado* (DOE) em junho de 2014. Isso foi um importante fenômeno no contexto cultural da cidade. Hoje, pelo menos legalmente, essa área é salvaguardada e reconhecida também pelo poder público estadual.

Nesse sentido, em 2008, a CMPPH daria início, por meio do Processo nº 17.813-1/2008, ao primeiro ato

formal de tombamento na cidade. O objeto seriam alguns prédios administrativos da antiga Ferrovia São Paulo-Paraná (FS-P), construídos na avenida Rodrigues Alves, dentre eles o imóvel hoje chamado Casa dos Ingleses, que abriga a Secretaria de Cultura e remete à presença dos “engenheiros ingleses” no município. O processo findou-se com a deliberação da CMPPH pelo tombamento, em 2010, sendo essa decisão publicada em 12 de janeiro, no *Diário Oficial*. A ideia do tombamento dos imóveis, enquanto “símbolo de cultura histórica” e “lugar de memória” da cidade, pôs em prática a Lei nº 4.813/2003 e trouxe efetividade à CMPPH.

A Casa dos Ingleses, como “aparelho cultural” da prefeitura, seria concretizada apenas em 2013. Naquele ano, deu-se início aos trabalhos de revitalização/restauração necessários para que o prédio tivesse as condições estéticas nas quais se encontra hoje. A inauguração do espaço ocorreu em 6 de dezembro de 2013, recebendo o nome “Espaço Cultural Luiz Carlos Eloy Junior: Casa dos Ingleses”. A partir de 2014, os prédios da Biblioteca Municipal Tristão de Athayde, em frente à Casa dos Ingleses, e do antigo Clube Ferroviário, igualmente próximo, compõem o citado conjunto de imóveis da extinta ferrovia, que hoje são objeto da intervenção da prefeitura e de seu esforço no movimento comunitário de preservação da memória local.

Em 2018, ano em que Ourinhos completou dez décadas de existência, ainda havia muito o que ser feito no campo da preservação do patrimônio cultural/ambiental e da construção da identidade histórica da cidade. De forma especial, falta muito para que a CMPPH – ou um conselho verdadeiramente efetivo em defesa da memória local –, passe a existir, de fato, como instrumento seguro e democrático de salvaguarda da cultura ourinhense e desempenhe essa empreita, conflituosa e indispensável, de fazer de Ourinhos uma cidade comprometida com as experiências de seu passado, a compreensão de seu presente e as projeções para seu futuro. Há um horizonte imenso, instigante e plural, de bens culturais a serem (re)conhecidos, protegidos e difundidos através das práticas de educação patrimonial e dos projetos culturais promovidos pela Secretaria de Cultura e pelo poder público municipal.

O livro teria o título de *Ourinhos: 100 anos em imagens*, seria organizado por André Rodrigues da Silva e produzido com base em fotografias antigas

extraídas do acervo da Casinha da Memória, constituído pelo vínculo com a comunidade, com o MHPO e com a Secretaria Municipal de Cultura. Esse acervo representa o esforço, contínuo e corajoso, da busca por identidade e por uma cidade historicamente consciente, amante de sua herança cultural. Dessa forma, em grande parte desse dossiê, somos presenteados com a apresentação de uma coleção de fotografias, organizada nos textos “Ourinhos: 100 anos em imagens: de 1908 a 1980” e “Ourinhos: 100 anos em imagens: de 1980 a atualidade”, por André Rodrigues da Silva, com a intenção de fazer as pessoas divagarem e navegarem pelas memórias compartilhadas de uma comunidade imaginada ainda em construção.

O acervo é composto de várias fotos oriundas de diferentes famílias e pessoas, que retratam Ourinhos em diferentes fases de sua trajetória. Também há imagens de acervo de ex-prefeitos e ex-funcionários da Prefeitura Municipal de Ourinhos e até do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Muitas dessas imagens poderão despertar o interesse no leitor ou na leitora em conhecer mais sobre a cidade, abrindo uma oportunidade de olhá-la com outras perspectivas, identificando continuidades e rupturas na paisagem urbana.

Cabe ressaltar que vários locais, empresas, ruas e pessoas não estarão no dossiê, não por falta de importância, mas por não constarem no acervo da instituição, situação que no futuro, e em outras publicações, poderá ser alterada.

A cronologia utilizada aqui foi baseada em publicações de Márcio Rogério Silveira e Renan Amabile Boscarol, mas, no geral, seguiu o ritmo da memória, com as suas dúvidas, nebulosidades, parcialidades e paixões, e não o da história, de cientificidade e razão, pois datar as fotografias é um trabalho hercúleo e de extrema dificuldade, embora não seja impossível, se aceitarmos as limitações dessa tarefa.

Para a identificação das fotos, contamos com informações de José Carlos Neves Lopes, autor do artigo intitulado “Francisco de Almeida Lopes e o Mundo da Fotografia de Ourinhos”, por meio do seu importante blog *Memórias Ourinhenses*, e de Carlos Lopes Baía, Bija da funerária, Domingos Perino Neto, Wilson Monteiro, José Luís Martins e Antônio Carlos Gregório. Dificilmente um trabalho como este poderia ser feito sem o apoio e envolvimento da comunidade. Em uma época de tantos antagonismos e disputas

marcadas pelo ódio, entregamos este presente aos 100 anos de Ourinhos: cooperação, respeito e comprometimento com a sociedade.

A proposta deste dossiê é conduzir o pensamento, a imaginação e o olhar do leitor, por intermédio de instigantes fotografias, a um “passeio” pelos diversos cenários e momentos históricos de Ourinhos, transformados e ressignificados ao longo dos seus 100 anos de existência. Esse passeio, apresentado por Silva, Prado e Cunha, é introduzido por uma entrevista conduzida por André Rodrigues da Silva com o jornalista Jefferson Del Rios Vieira Neves, ourinhense e autor do livro *Ourinhos: memórias de uma cidade paulista*. Na sequência, temos os textos de Fabiana Lopes da Cunha sobre a ocupação da região e a história de Ourinhos em fins do século XIX e início do XX, intitulado “Memórias dos trilhos e minhas memórias: uma história sobre Ourinhos”; o de Luciene Risso (com o conceito de “paisagem cultural”) cujo título é “Paisagens de Ourinhos (SP) e a presentificação indígena”, que enfatiza o passado indígena de Ourinhos e região e o processo de ocupação do oeste paulista no final dos anos do século XIX e início do século XX; e o de André Pires do Prado, “Leis e políticas para a preservação da memória e do patrimônio cultural em Ourinhos: um breve inventário”, que apresenta uma análise sobre os símbolos da cidade e um inventário sobre legislações e políticas públicas relacionadas à preservação da memória e do patrimônio cultural em Ourinhos.

Francisco de Almeida Lopes (acerca do “universo da fotografia), possui, no criterioso conjunto de imagens, antigas e contemporâneas, o “elo de significado” e condução imaginária. As fotos seletas que retratam a primeira fase de Ourinhos (1908-1950), seguidas daquelas que remetam à segunda fase (1950-1980 e 1980 aos dias atuais), ilustram de forma extremamente didática (e estimulante) a maneira como a cidade se constituiu, se transformou e se reinventou no percurso de um século. O dossiê é um convite ao espírito para “rememorar”.

No fim do “passeio”, o leitor é capaz de perceber os diferentes aspectos da vida da cidade e as temáticas das fotografias que entrelaçam os cenários. Numa síntese, veremos que os temas giram entorno de: “atividade ferroviária” – primeira estação Sorocabana, Ponte Férrea, casas de engenheiros da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná –; “educação” – primeiro colégio/grupo escolar, Grupo Escolar Jacinto Ferreira

de Sá, Ginásio da Rua Dom Pedro I, Ginásio Santo Antônio, Escola de Corte e Costura de Ourinhos, Colégio Técnico, Caic, Sesi, Fatec, Faeso, Unesp e Senai –; “saúde” – Clínica Ovídio Portugal, Farmácia Drogasil, Santa Casa de Misericórdia, Hospital Psiquiátrico, Ambulatório Médico, UPA –; “transporte” – Loja Ford, Aeroporto Municipal, Terminal Rodoviário, Terminal de Ônibus –; “comércio” – Casa de Foices, Casas Pernambucanas, Casa Nortista, Casa Secos e Molhados Misato, Mercado Municipal –; “hotelaria” – Hotel Comercial –; “comunicação” – Companhia Telefônica de Ourinhos (de Odair Alves da Silva), Edifício da Telesp –; “religiosidade” – Antiga Igreja do Senhor Bom Jesus (em frente à Praça Melo Peixoto), Nova Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, Seminário Nossa Senhora de Guadalupe, Templo da Igreja Metodista –; “órgãos públicos” – Primeiro Fórum de Ourinhos (esquina da Rua Arlindo Luz), Superintendência de Água e Esgoto (SAE), Prefeitura Velha, Corpo de Bombeiros de Ourinhos e Caixa D’água, Atual Fórum de Ourinhos, INPS, Centro de Serviços da Prefeitura (Pátio da Prefeitura), Câmara Municipal –; “espaços culturais” – Filarmônica Municipal “Lira Carlos Gomes”, Cine Cassino (primeiro cinema da cidade), Cine Ourinhos, Fapi (no Ginásio Municipal), Teatro Municipal Miguel Cury, Centro Cultural Tom Jobim]; “indústria” – Fundação Irmãos Migliari, Moinhos Santistas ou Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil (Sanbra), TNL-Tecnal, Distrito Industrial I, II e III (Jardim Guaporé) –; “lugares

naturais” – Trilha Verde, Parque Ecológico –; “ruas, edifícios e imóveis importantes” – Rua Paraná em esquina com a Praça Melo Peixoto, Rua Antônio Prado, Rua Altino Arantes, Sobrado da Avenida Altino Arantes (da Família Ferreira de Sá), Avenida Jacinto Sá, Pontes e Rodovias (Raposos Tavares) –; “clubes e esporte” – Campo Operário (Esporte Clube Operário), Grêmio Recreativo de Ourinhos, Ginásio Municipal de Esportes (Monstrinho), Centro Social Urbano (CSU)]; “praça central” – Praça Central Melo Peixoto (em 1930), Praça Melo Peixoto (modernizada e com primeiros edifícios ao redor) –; “bancos” – Banco Comercial do Estado de São Paulo, Edifício da Caixa Econômica Federal, Edifício Bradesco, Banco de Minas Gerais S/A –; e “cidade vista do alto” – Aerofotos, Panorâmicas, Bairros, cidade em crescimento.

Assim, ao atingir a comunidade ourinhense, esperamos que este dossiê sirva de estímulo à formação do pensamento histórico e circule como “manifesto” remetido a todos os cidadãos, cidadãs e instituições comprometidos com a educação das futuras gerações e com nossa cultura, para que juntos somemos esforços na luta pela defesa de nossa memória e pela construção de um patrimônio cultural mais democrático e amplamente representativo.

André Rodrigues da Silva¹
André Pires do Prado²
Fabiana Lopes da Cunha³

1 Historiador, especialista em gestão pública municipal e cultural e gerente de Patrimônio e Memória da Secretaria Municipal de Cultura de Ourinhos.

2 Professor doutor do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Jacarezinho.

3 Professora doutora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), com pós-doutorado pelo King’s College London.